

SÍNTESE DOS DADOS DE PESQUISA SOBRE PRÁTICAS CULTURAIS NA CIDADE DE SÃO PAULO (2005-2016)

Maria Celeste Mira (PEPG Ciências Sociais PUC/SP)
Beatriz Salgado Cardoso de Oliveira (doutoranda Unesp)

OBSERVAÇÕES GERAIS

Algumas pesquisas acadêmicas e não acadêmicas, estas últimas responsáveis pela maioria dos dados existentes sobre as práticas culturais dos paulistanos, já não trabalham mais com a noção restrita de que cultura equivale às Belas Artes. Não só incorporam em suas investigações toda a cultura produzida pelas tecnologias de comunicação e informação, como também as práticas populares e tradicionais, religiosas, de cultura local etc.

Questionam, portanto, o ranço etnocentrista da noção de “acesso à cultura”. Porém, ao examinar as práticas apontam a desigualdade de classe inscrita na distribuição espacial dos equipamentos culturais na cidade, o que diminui enormemente o índice de participação das classes populares, moradoras das periferias das atividades que neles se desenvolvem.

EQUIPAMENTOS CULTURAIS

1º.) Todas as pesquisas informam que há uma gigantesca concentração dos equipamentos culturais na região Centro-Oeste da cidade. De acordo com Carolina Nakagawa (2011, p. 18) como resultado dos deslocamentos históricos das elites paulistanas e dos movimentos culturais da cidade, a região Centro-Oeste abriga 61% dos equipamentos versus 25,6% da região Sul-Sudeste e 6,76% da região Norte. As implicações destes números são expressas na pesquisa de Isaura Botelho e Maurício Fiori (2005, p. 4) sobre tempo livre e práticas culturais na capital: “... morar no Centro expandido representa 160% a mais de chances de ser um grande praticante em relação àqueles que residem em outras regiões”.

ESCOLARIDADE

2º.) Outro fator confirmado por pesquisas realizadas de 2005 a 2014 é a relevância do que Pierre Bourdieu denominou “capital escolar” na determinação da participação ou não em atividades culturais fora de casa, sobretudo as oferecidas pelos equipamentos culturais institucionais. Botelho e Fiori (2005, p. 16) constataram que o “... fato de alguém ter ambos os pais com baixo nível de escolaridade aumenta em 395% a sua chance de ser um não praticante da cultura do sair”. Por outro lado, “... ter pais altamente escolarizados é mais importante do que o nível de renda e de diploma do próprio indivíduo”. Buscando compreender as influências na formação do gosto por determinadas práticas, Ilana S. Goldstein e Liliana Souza e Silva (2014, p. 44) obtiveram que mais de 32% dos respondentes fizeram referência a pessoas próximas, como pais, amigos, familiares, parceiros, filhos. Porém, a influência dos pais foi “mais destacada” entre os entrevistados com ensino superior e das classes A e B. E acrescentaram: “Predomina a percepção de que a escola estimula o gosto por atividades culturais.” (Goldstein; Silva, 2014, p. 45).

MÍDIA

3º.) A convergência entre estes dois fatores (concentração dos equipamentos culturais e desigualdade de capital escolar) desencoraja sobretudo as classes populares/ periféricas do engajamento em práticas mais cultas ou disciplinadoras. (O que não quer dizer, como veremos, que não haja cultura e produção cultural nas periferias.) Mas as outras classes e frações de classe também têm baixo índice de adesão. De acordo com Goldstein e Silva (2014, p. 45), “as atividades que não exigem deslocamento são predominantes” devido ao “barateamento e disseminação dos equipamentos eletrônicos”. O cenário é praticamente o mesmo observado por Botelho e Fiori na década anterior, quando notaram que “a intensidade da vida cultural não é feita de práticas ‘legitimadas’, ou ditas de elite, mas, principalmente pelo recurso a equipamentos e produtos da indústria cultural, sobretudo, eletrônicos” (2005, p. 5).

INTERNET

4º.) Quanto ao tipo de equipamento eletrônico, a década de 2000 trouxe uma mudança expressiva. Em 2005, Botelho e Fiori verificam alta disseminação da televisão e do rádio: cerca de 96% dos domicílios possuíam aparelho de TV em cores, número que se mantinha expressivo nas classes D/E, ou seja, 87%; e o rádio, preenchendo as funções de escuta musical e informação, era ouvido diariamente por 58,4% dos 93% que o possuíam. (Botelho; Fiori, 2005, p. 8). No entanto, o uso doméstico do computador e o acesso à internet eram ainda restritos, uma vez que apenas 28% dos habitantes da cidade tinham um em casa, dos quais, apenas 2,6% pertencentes às classes D/E. O acesso a este recurso decrescia em função “do baixo nível de escolaridade, inclusive dos pais, e pelo pertencimento às classes econômicas mais baixas”, bem como do aumento da faixa etária, sendo muito rara entre a população acima dos 40 anos (Botelho; Fiori, 2005, p. 9).

Embora as pesquisas consultadas sobre a cidade de São Paulo não tragam números exatos, sabe-se que houve, desde então, significativa expansão da internet no Brasil. Entre 2005 e 2015, o percentual de domicílios com conexão subiu de 13,6% para 57,8%. Porém, a grande popularização do acesso aos seus conteúdos e a geração de novas práticas culturais se deu, principalmente, com a facilitação da aquisição de dispositivos móveis, como os celulares e *tablets*, e da expansão da transmissão via *wifi*. (SANTOS, 2016)

A separação entre os dispositivos e seus conteúdos tende a se dissolver. Talvez por este motivo, em 2014, Goldstein e Silva (p. 42), tomem em seu conjunto “as atividades relacionadas às mídias (TV, internet, revistas, jornais etc.)”, informando que ocupavam 30% do tempo livre dos entrevistados. O hábito de assistir à TV permanecia forte e com as mesmas tendências anteriores: era mais alto acima dos 45 anos, com mais horas de audiência entre os de menor escolaridade e classe social mais baixa, do mesmo modo que a navegação na internet é um hábito dos mais jovens com mínima penetração nas classes D/E (p. 42).

FAIXA ETÁRIA

5º.) A faixa etária é fator relevante em relação a várias questões. As pesquisas destacam: o uso da internet e das redes sociais entre os mais jovens, bem como a maior frequência a atividades fora de casa. Mas há que se levar em conta também a recente reformulação

das etapas da vida com a “invenção da terceira idade” e a geração de inúmeras ofertas de programação de cultura e lazer para os maiores de 50 ou 60 anos. É possível observar alguma mudança neste sentido?

Baseado em duas pesquisas do Datafolha, em particular, o ex-pesquisador da agência, Alessandro Janoni (2014) afirma que os “... jovens com escolaridade e renda familiar acima da média da população” constituem o perfil dos que mantêm maior frequência de hábitos culturais em São Paulo (p. 29). Também teriam sido eles os predominantes nos protestos de 2013. De modo geral, “ações culturais e políticas públicas voltadas para jovens” foram os tópicos mais criticados entre os 35 da pesquisa de 2012. Acredito que boa parte dos programas de financiamento cultural da prefeitura é ofertada/ demandada por esta faixa etária.

GÊNERO

A única pesquisa que se refere a essa questão é a de Botelho e Fiori (2005, p. 15) e, mesmo assim, para afirmar que ela tem pouca relevância. Para os autores, o gênero influencia as práticas culturais em poucos aspectos: no “nível de práticas externas praticamente se iguala”, apontando “para a transformação do papel da mulher na vida social” e, no plano doméstico, referindo-se às práticas de cultura e lazer, revelam que “todos os homens têm um pouco mais de práticas domiciliares que as mulheres...” As demais pesquisas não trazem informações sobre essa variável.

RELIGIÃO

As pesquisas apontam para a importância da religião como condicionante das práticas culturais. Uma indicação importante é dada por Botelho e de Fiori (2005, p. 10) ao ressaltarem que “a música religiosa alcança um índice alto de preferência”. A música evangélica e as vinculadas a outras denominações religiosas abarcam uma importante fatia do mercado fonográfico. Porém, o fenômeno parece ter se ampliado mais: Janoni observa a existência de contrastes e demandas, por exemplo, “a religião seria o catalisador cultural em certas camadas” (2014, p. 32).

MÚSICA

Os jovens também são os mais “ligados” a atividades musicais. Porém, as pesquisas são unânimes em afirmar que a música é a única prática que perpassa todas as classes sociais. É o que afirmam Botelho e Fiori: “Ouve-se muita música.” (2005, p. 9), sendo que quase 74% dos entrevistados o fazem, diariamente ou algumas vezes por semana. Em 2014, Janoni confirma o dado, ao afirmar que a música “é a única manifestação cultural que alcança a maioria dos membros das classes D e E”. (Janoni, 2014, p. 31), gerando fenômenos como o paulistano “funk ostentação”. Para os adolescentes, as fontes de informação sobre música são a internet e as redes sociais, as quais funcionam como “guias culturais de credibilidade especialmente junto aos que têm de 12 a 24 anos de idade”, mesmo perfil dos que elegem o funk como gênero musical preferido. (Janoni, 2014, p. 31)

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Isaura e FIORI, Maurício. O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo. Relatório da primeira etapa de pesquisa. *Centro de Estudos da Metrópole/ Cebrap*, 2005.

GOLDSTEIN, I. S.; SILVA, Liliana Sousa. “Tempo livre: sentidos e definições”. In: LEIVA, João; Datafolha. (Org.). *Cultura em São Paulo: hábitos culturais dos paulistas*. 1ed.São Paulo: Tuva Editora, 2014, v. 1, pp. 41-52

JANONI, Alessandro. “Metodologia”. In: LEIVA, João; Datafolha. (Org.). *Cultura em São Paulo: hábitos culturais dos paulistas*. 1ed.São Paulo: Tuva Editora, 2014, v. 1, pp. 29-39.

NAKAGAWA, C. T. *Reflexos sociais e impactos territoriais: tipologia e espacialização dos equipamentos de cultura e lazer*. São Paulo: FAU/USP, 2011, dissertação de mestrado.

SANTOS, Bárbara Ferreira. Apesar de expansão, acesso à internet no Brasil ainda é baixo. EXAME ONLINE, 22/12/2016. Disponível em: <https://exame.com/brasil/apesar-de-expansao-acesso-a-internet-no-brasil-ainda-e-baixo> Acesso em 15/02/2020.